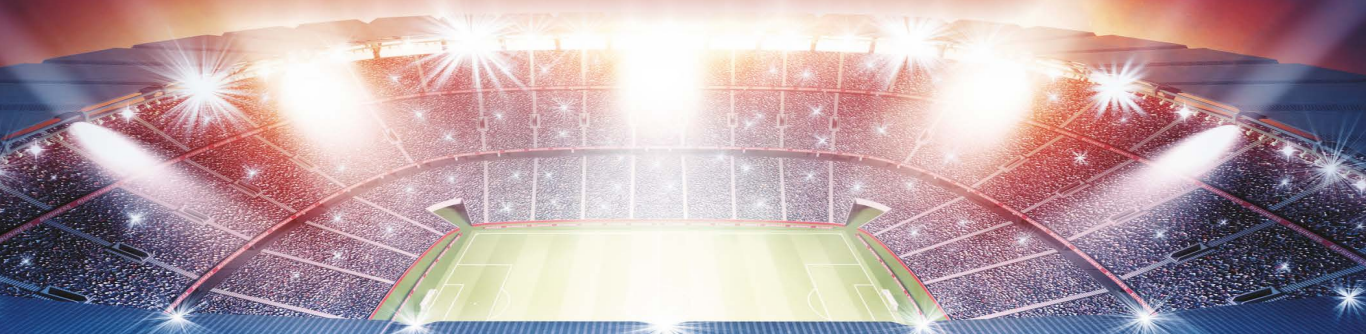


LYCIO VELLOZO RIBAS



O LIVRO DE OURO DAS **COPAS**

As curiosidades e os momentos históricos
do maior espetáculo do esporte mundial.

EDIÇÃO
LIMITADA

CATAR 2022

 FARO
EDITORIAL



LYCIO VELLOZO RIBAS

O LIVRO DE OURO DAS
COPAS

Apresentação

Certa vez, em um evento em Curitiba, Pelé foi questionado sobre quem era melhor: Messi ou Maradona. A resposta do Rei: “O Messi só jogou no Barcelona. Assim é mais fácil jogar. O Maradona pegou mais pedreiras”. Messi foi eleito o melhor jogador do mundo em cinco temporadas diferentes, marcou mais gols e conquistou mais títulos. Mas Maradona tem algo que Messi não tem e talvez nunca tenha: uma Copa do Mundo para chamar de sua. Entre as grandes pedreiras a que Pelé se referia, a Copa é sem dúvida a maior delas.

Essa comparação de jogadores de épocas diferentes, ou de times de épocas diferentes, alimenta o imaginário popular cada vez em que se fala de Copa do Mundo. Afinal, quem era melhor: Messi ou Maradona? Ou Pelé? Ou Zidane? Da mesma forma, qual seleção brasileira deveria ser mais reverenciada, a de 1982 (que jogou bonito, mas não venceu) ou a de 1994 (que não jogou bonito, mas venceu)? A propósito, é verdade que em 1982 o Brasil perdeu por causa da sua forma ofensiva de jogar? E é verdade que, em 1958, o Brasil venceu porque houve uma pequena rebelião entre os jogadores, que pediam as inclusões de Pelé e de Garrincha?

O Livro de Ouro das Copas passeia por essas e muitas outras questões ocorridas desde 1930, quando um país sediou a primeira Copa do Mundo: o Uruguai. Sobre épocas em que os jogadores não usavam camisas numeradas, nem havia transmissão por TV, e as imagens das partidas – registradas em películas de cinema preto e branco – são raríssimas. E cobre desse passado até hoje, quando se pode saber qual jogador ficou mais tempo com a posse de bola, conferir com auxílio da tecnologia acerca de um impedimento polêmico e captar os detalhes de cada partida: tudo em cores e em alta definição.

Apenas uma coisa não mudou nesses quase 90 anos de história: a Copa do Mundo nunca foi simplesmente uma disputa acerca de números ou resultados. Nem *mais uma* busca por título internacional. Ela é a conquista, o topo da montanha, o esporte que, isolado, consegue unir o mundo inteiro.

É paixão, história, um tipo de linguagem universal, algo que transcende o mundo dos esportes, e o momento em que cada um de nós assume um hino, uma bandeira e vive novamente um turbilhão de emoções.

Lycio Vellozo Ribas

Uruguai 1930

Vinte e um de maio de 1904. Neste dia, dirigentes de Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça fundaram a Fédération Internationale of Football Association (Federação Internacional das Associações de Futebol), que se tornou conhecida por sua sigla: Fifa. Alemanha, Áustria, Hungria e Itália se filiaram em seguida. Quando a Inglaterra, considerada a pátria-mãe do futebol, alinhou-se em 1905, falou-se pela primeira vez em fazer uma Copa do Mundo.

Mas o mundo não colaborou com a Copa. Em 1914, as nações europeias fizeram eclodir a Primeira Guerra Mundial, que só acabou em 1918. Assim, a ideia de um torneio internacional de futebol ficou no limbo e só saiu de lá nos anos 1920, quando Jules Rimet assumiu o comando da Fifa. Em 26 de maio de 1928, em um congresso em Amsterdã, a entidade aprovou, por 23 votos a 3, o primeiro embrião para a Copa. Em 8 de setembro de 1928, na Suíça, decidiu-se que o torneio seria realizado de quatro em quatro anos, nos anos pares entre as Olimpíadas, com início em 1930.

De cara, Espanha, Holanda, Hungria, Itália e Suécia se dispuseram a receber a Copa. Mas, num congresso em maio de 1929, a Fifa aprovou o Uruguai como país-sede. Um embaixador uruguaio, Enrique Buero, convenceu a entidade ao afirmar que o país comemorava o centenário da independência nacional (em 1928) e era o bicampeão olímpico de futebol (em 1924 e 1928). E prometeu a construção de um superestádio e o pagamento de despesas de viagem e alimentação para todas as seleções.



“
Por que é
que a gente
não faz
um torneio
aberto de
futebol entre
países?”

Ideia que se tornou a pedra fundamental para a Copa

Cidades e estádios

No Uruguai, 1.500 operários arregaçaram as mangas na construção do estádio prometido à Fifa. O projeto, do arquiteto Juan Scasso, previa uma capacidade para 102 mil pessoas. O estádio foi batizado de Centenário, em homenagem aos 100 anos de independência do país. Mas as obras, iniciadas em dezembro de 1929, atrasaram. Por isso, a capacidade prevista inicialmente foi reduzida para 70 mil. E os críticos afirmavam que o estádio só ficaria pronto após o fim do Mundial. De fato, no dia da abertura — 13 de julho — ainda não estava totalmente pronto. Os primeiros jogos da Copa viriam a ser disputados em dois outros estádios: o Pocitos e o Parque Central. Apesar disso, a conclusão do Centenário aconteceu em tempo hábil para o Mundial.



Os inscritos

Mas nada disso sensibilizou os europeus. Contrariada por não ser a sede, a Itália anunciou o boicote ao torneio. Os outros europeus filiados à entidade até 1930 seguiram os italianos e não se inscreveram ao fim do prazo, em 30 de abril de 1930. A desculpa era logística. Na época, não havia voo regular entre Europa e América do Sul. Uma viagem de navio (só de ida) levava duas semanas. Nem empresas (nas quais trabalhavam os jogadores amadores) nem os clubes (que tinham os jogadores profissionais) queriam correr risco de levar prejuízo.

Para que os europeus estivessem na Copa, Rimet se empenhou pessoalmente. Francês de nascimento, ele convenceu a França a participar. Também intercedeu na Romênia e contou com a boa vontade do rei Carol II, que adorava futebol e selecionou pessoalmente os jogadores. Se a Romênia iria, a rival Iugoslávia não queria ficar de fora, e também aceitou ir ao Uruguai. Por fim, Rodolphe Seeldrayers, vice-presidente da Fifa e presidente da federação belga, fez o país confirmar presença.

No dia 20 de junho de 1930, um navio italiano chamado Conte Verde zarpu de Gênova (Itália) com a delegação da Romênia a bordo. O navio recolheu os jogadores franceses e alguns dirigentes da Fifa na França. Depois apanhou a delegação belga em Barcelona. E ainda deu carona à seleção brasileira no dia 2 de julho, até desembarcar em Montevidéu no dia 5 de julho. A Iugoslávia, por sua vez, preferiu viajar num navio chamado Florida.

Sorteio e fórmula

Para evitar boicotes de última hora, a Fifa sorteou os grupos apenas em 7 de julho, quando todas as seleções já deveriam estar em solo uruguaio. Com 13 equipes, a entidade criou uma fórmula que previa três grupos com três equipes e um com quatro. Os primeiros colocados de cada grupo iriam às semifinais.

De imediato, duas seleções apareciam como favoritas: Uruguai e Argentina. Segundo as previsões da época, França, Bélgica, Romênia e Iugoslávia pertenciam ao segundo escalão de qualidade técnica da Europa, atrás de Áustria, Espanha e Itália. A tendência era que os dois rivais sul-americanos, que haviam decidido a Olimpíada de 1928 – com vitória uruguaia – iriam se enfrentar também no dia 30 de julho, na primeira final da história da Copa do Mundo.

Cidade	Estádio	Capacidade
Montevidéu	Centenário	70.000
Montevidéu	Parque Central	25.000
Montevidéu	Pocitos	8.000

Estreantes	
	Argentina
	Bélgica
	Bolívia
	Brasil
	Chile
	Estados Unidos
	França
	Iugoslávia
	México
	Paraguai
	Peru
	Romênia
	Uruguai

Ausência

Por considerarem que o Uruguai ficava muito longe, quase nenhuma seleção europeia se interessou em participar da Copa do Mundo. Entre elas, as principais do continente, como Áustria, Espanha e Itália – que liderou um boicote ao Mundial. Além disso, a Inglaterra havia se desfilado da Fifa em 1928.

A preparação do Brasil

Competições disputadas pelo Brasil até 1930

Sul-Americano Extra 1916	
FU	Brasil 1 x 1 Chile
FU	Brasil 1 x 1 Argentina
FU	Brasil 1 x 2 Uruguai
Brasil ficou em 3º lugar	
Sul-Americano 1917	
FU	Brasil 2 x 4 Argentina
FU	Brasil 0 x 4 Uruguai
FU	Brasil 5 x 0 Chile
Brasil ficou em 3º lugar	
Sul-Americano 1919	
1F	Brasil 6 x 0 Chile
1F	Brasil 3 x 1 Argentina
1F	Brasil 2 x 2 Uruguai
F	Brasil 1 x 0 Uruguai
Brasil sagrou-se campeão	
Sul-Americano 1920	
FU	Brasil 1 x 0 Chile
FU	Brasil 0 x 6 Uruguai
FU	Brasil 0 x 2 Argentina
Brasil ficou em 3º lugar	
Sul-Americano 1921	
FU	Brasil 0 x 1 Argentina
FU	Brasil 3 x 0 Paraguai
FU	Brasil 1 x 2 Uruguai
Brasil ficou em 2º lugar	
Sul-Americano 1922	
1F	Brasil 1 x 1 Chile
1F	Brasil 1 x 1 Paraguai
1F	Brasil 0 x 0 Uruguai
1F	Brasil 2 x 0 Argentina
F	Brasil 3 x 0 Paraguai
Brasil sagrou-se campeão	
Sul-Americano 1923	
FU	Brasil 0 x 1 Paraguai
FU	Brasil 1 x 2 Argentina
FU	Brasil 1 x 2 Uruguai
Brasil ficou em 4º lugar	
Sul-Americano 1925	
1F	Brasil 5 x 2 Paraguai
1F	Brasil 1 x 4 Argentina
1F	Brasil 3 x 1 Paraguai
F	Brasil 2 x 2 Argentina
Brasil ficou em 2º lugar	

FU: Fase única (todos contra todos)

1F: Primeira fase

F: Final

Vinte anos se passaram entre o dia 18 de fevereiro de 1894 — quando um certo Charles William Miller chegava ao Brasil, vindo da Inglaterra, com duas bolas e regras de futebol — até a fundação da Federação Brasileira de Sports (FBS), no Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1914. Foi sob o jugo da FBS que se realizou o que hoje é considerado o primeiro jogo oficial de uma seleção brasileira. O time venceu por 2 a 0 o Exeter City, da Inglaterra, em 21 de junho.

E passaram-se mais dois anos para que a primeira intriga entre dirigentes esportivos no Brasil tivesse fim. O surgimento da FBS, no Rio de Janeiro, conflitava com a Federação Brasileira de Futebol (FBF), criada em São Paulo e que estava associada à Federação Sul-Americana de Futebol. A paz foi selada somente em 21 de junho de 1916, com a extinção das duas associações e a fundação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Foi a CBD, presidida por Álvaro Zamith, quem colocou o Brasil no mapa-múndi do futebol, ao assinar a filiação à Confederação Sul-Americana de Futebol em 1916. Nesse mesmo ano, Arnaldo Guinle sucedeu Zamith e registrou a CBD na Fifa — a entidade, porém, só aceitou em 1923. Uma vez filiado à Confederação Sul-Americana, o Brasil pôde participar do primeiro Sul-Americano de Seleções (a atual Copa América), na Argentina. E aí já começava a politicagem. Os jogadores iriam viajar de carona em um navio fretado para levar uma comitiva brasileira ao Congresso do Centenário de Tucumán. Só que o chefe da comitiva, Ruy Barbosa, simplesmente negou a carona, apesar de haver espaço mais que suficiente no navio. “Para mim, futebolista é sinônimo de vagabundo”, disse ele. A seleção teve que ir de trem e, desgastada, não venceu nenhum jogo no torneio.

A seleção novamente foi mal no Sul-Americano de 1917, disputado no Uruguai, e a edição de 1918 foi adiada por causa de um surto de gripe no Rio de Janeiro, que iria receber os jogos. Quando o Brasil foi sede pela primeira vez, em 1919, sagrou-se campeão, ao bater o Uruguai na final, com um gol de Friedenreich na segunda prorrogação, após um placar de 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação. Em 1922, o Brasil voltou a conquistar o Sul-Americano. O torneio terminou com Uruguai, Brasil e Paraguai empatados em primeiro lugar, todos com cinco pontos. O Uruguai largou a disputa, em protesto contra as arbitragens — que eles chamaram de horrorosas. Brasil e Paraguai decidiram o título em um jogo-desempate, com vitória brasileira por 3 a 0.

O Brasil, porém, só ganhava quando jogava em casa. Perdeu

os títulos de 1920, 1921, 1923 e 1925. E, depois, ficou cinco anos sem disputar nenhuma partida contra seleções estrangeiras. Não participou dos Sul-Americanos de 1926, 1927 e 1929.

Pior que isso, a pretensa paz entre cariocas e paulistas não existia de fato. Na época em que o Brasil estava se mobilizando para a Copa do Mundo de 1930, os jornais do Rio — onde ficava a CBD — diziam que os cariocas deveriam ser maioria na seleção. Em São Paulo, havia a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) e uma imprensa pedindo mais paulistas na equipe.

As brigas se estendiam aos dirigentes. No dia 26 de maio, o presidente da Apea, Elpídio de Paiva Azevedo, enviou um ofício pedindo mais dirigentes paulistas na comitiva que iria ao Uruguai. A resposta da CBD foi um ofício chamando 15 jogadores — De Maria, Del Debio, Filó, Grané (Corinthians), Amílcar, Heitor, Pepe, Serafini (Palestra Itália), Araken, Athié (Santos), Clodô, Friedenreich, Luizinho, Nestor (São Paulo da Floresta) e Petronilho de Brito (Sírio) — para se apresentarem no Rio até o dia 12 de junho. Lá, eles iriam se juntar a outros oito cariocas: Joel (América), Carvalho Leite e Nilo (Botafogo), Moderato (Flamengo), Preguinho (Fluminense), Fausto, Itália e Russinho (Vasco). Nem uma palavra sobre dirigentes. Houve uma grande divergência sobre as datas, mas o fato é que nenhum paulista se apresentou. E os cariocas os acusaram de antipatrióticos. No único contato telefônico entre os chefes das entidades, Elpídio Azevedo voltou a insistir na inclusão de um paulista na comissão técnica. Pache-co negou. Fim de papo.

Na lista final, havia apenas um paulista: Araken Patusca. Ele estava sem contrato com o Santos — portanto, desvinculado da Apea — e aceitou a convocação por conta própria. Vários nomes de peso ficaram de fora, como Friedenreich, que ainda jogava bem aos 38 anos, e Feitiço, considerado o melhor jogador brasileiro na época. Claro que ainda seria possível mudar a lista. No dia 27 de junho, a Fifa perguntou se a relação era aquela mesmo. Ainda dava para incluir paulistas. Ou até jogadores de outros estados, como Minas Gerais ou Rio Grande do Sul, já bem desenvolvidos no futebol. Mas os dirigentes não procuraram se entender a respeito. Restava esperar que os cariocas fizessem um papel digno na Copa.

Todos os convocados		
Goleiros	idade	clube
Joel	26	América-RJ
Velloso	22	Fluminense
Zaqueiros	idade	clube
Fernando	24	Fluminense
Brilhante	26	Vasco
Itália	23	Vasco
Zé Luiz	25	São Cristóvão
Oscarino	23	Ypiranga -RJ
Meio-campistas	idade	clube
Ivan Mariz	20	Fluminense
Fortes	28	Fluminense
Pamplona	26	Botafogo
Fausto	25	Vasco
Benevenuto	26	Flamengo
Hermógenes	21	América-RJ
Atacantes	idade	clube
Preguinho	25	Fluminense
Nilo	27	Botafogo
Benedicto	23	Botafogo
Carvalho Leite	18	Botafogo
Russinho	28	Vasco
Theóphilo	23	São Cristóvão
Doca	27	São Cristóvão
Moderato	27	Flamengo
Poly	22	Americano
Manoelzinho	22	Goytacaz
Araken	23	Flamengo

Obs.: Idades computadas até 13/07/1930, data da abertura da Copa



Jogos da fase de grupos



- 13/7 França 4 x 1 México**
Gols: Laurent (Fra, 19-1ª), Langiller (Fra, 40-1ª), Maschinot (Fra, 42-1ª), Carreno (Mex, 23-2ª), Maschinot (Fra, 41-2ª)
- 15/7 Argentina 1 x 0 França**
Gol: Monti (Arg, 36-2ª)
- 16/7 Chile 3 x 0 México**
Gols: Subiabre (Chi, 3-1ª), Manuel Rosas (contra, p/Chi, 5-2ª), Vidal (Chi, 20-2ª)
- 19/7 Chile 1 x 0 França**
Gol: Subiabre (Chi, 19-2ª)
- 19/7 Argentina 6 x 3 México**
Gols: Stábile (Arg, 8-1ª), Zumelzu (Arg, 12-1ª), Stábile (Arg, 17-1ª), Manuel Rosas (Mex, 42-1ª), Varallo (Arg, 8-2ª), Zumelzu (Arg, 10-2ª), Manuel Rosas (Mex, 20-2ª), Gayon (Mex, 30-2ª), Stábile (Arg, 35-2ª)
- 22/7 Argentina 3 x 1 Chile**
Gols: Stábile (Arg, 12-1ª), Stábile (Arg, 14-1ª), Subiabre (Chi, 15-1ª), Mario Evaristo (Arg, 6-2ª)

Classificação	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
Argentina	6	3	3	0	0	10	4	6
Chile	4	3	2	0	1	5	3	2
França	2	3	1	0	2	4	3	1
México	0	3	0	0	3	4	13	-9

O grupo A do Mundial teve vários registros que entraram para a história, como o primeiro gol em Mundiais (do francês Lucien Laurent, contra os mexicanos), a primeira goleada (França 4 x 1 México), o primeiro jogador que saiu machucado (o goleiro francês Thépot, na mesma partida), o primeiro gol contra (do mexicano Manuel Rosas, a favor do Chile), a primeira zebra (a França era favorita contra os chilenos), o primeiro pênalti perdido (o chileno Vidal cobrou e o goleiro francês Thépot defendeu) e a primeira briga generalizada (entre chilenos e argentinos). A Argentina venceu os três jogos e se classificou para as semifinais.

Inusitado

No jogo entre Argentina e México, fontes indicam que o árbitro Ulises Saucedo anotou cinco pênaltis. Porém, não havia marca penal no campo e, em quatro deles, o árbitro teria colocado a bola além dos 11 metros. Só um dos 5 chutes resultou em gol: o cobrado na distância certa, pelo mexicano Manuel Rosas. Nos outros, o México errou 2 e a Argentina errou 2.



- 14/7 Iugoslávia 2 x 1 Brasil**
Gols: Tirnacic (Iug, 21-1ª), Bek (Iug, 30-1ª), Preguinho (Bra, 17-2ª)
- 17/7 Iugoslávia 4 x 0 Bolívia**
Gols: Bek (Iug, 15-2ª), Marjanovic (Iug, 20-2ª), Bek (Iug, 22-2ª), Vujadinovic (Iug, 40-2ª)
- 20/7 Brasil 4 x 0 Bolívia**
Gols: Moderato (Bra, 37-1ª), Preguinho (Bra, 6-2ª), Moderato (Bra, 28-2ª), Preguinho (Bra, 30-2ª)

Classificação	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
Iugoslávia	4	2	2	0	0	6	1	5
Brasil	2	2	1	0	1	5	2	3
Bolívia	0	2	0	0	2	0	8	-8

Na prática, o jogo que decidiu o grupo foi o primeiro, entre Iugoslávia e Brasil. Na etapa inicial, os europeus aproveitaram duas falhas da defesa brasileira e fizeram dois gols — e ainda tiveram um gol de Vujadinovic anulado por impedimento. Na etapa final, o Brasil pressionou e descontou, com Preguinho, mas não evitou a derrota. Depois, os dois times golearam a Bolívia por 4 a 0. Os bolivianos, ao menos, conseguiram agradar o país-sede nas duas partidas. No primeiro jogo, os dirigentes tiveram a ideia de escrever “viva Uruguay” na formação do time na foto antes do jogo. Cada jogador portava uma letra na camisa. Porém, um dos que levava uma letra “U” não fez a foto — que registra “urugay” nos seis jogadores em pé e “viva” nos quatro agachados. Contra o Brasil, os bolivianos usaram as camisas azuis do Uruguai. Isso porque os dois times vestiam camisa branca na época. Os bolivianos perderam o sorteio, mas não tinham uniforme reserva.

Fase de grupos e semifinais



- 14/7 Romênia 3 x 1 Peru**
Gols: Desu (Rom, 1-1ª), Souza (Peru, 29-2ª), Barbu (Rom, 40-2ª), Stanciu (Rom, 44-2ª).
- 18/7 Uruguai 1 x 0 Peru**
Gol: Castro (Uru, 15-2ª)
- 21/7 Uruguai 4 x 0 Romênia**
Gols: Dorado (Uru, 7-1ª), Scarone (Uru, 24-1ª), Anselmo (Uru, 30-1ª), Cea (Uru, 35-1ª)

Classificação	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
Uruguai	4	2	2	0	0	5	0	5
Romênia	2	2	1	0	1	3	5	-2
Peru	0	2	0	0	2	1	4	-3

O Uruguai foi criticado pela estreia considerada ruim e as críticas aumentaram quando o veterano Scarone entrou no time para o 2º jogo. Mas, com ele, o time da casa goleou a Romênia sem dó, com quatro gols ainda no primeiro tempo, e se classificou para as semifinais.



- 13/7 Estados Unidos 3 x 0 Bélgica**
Gols: McGhee (EUA, 23-1ª), McGhee (EUA, 38-1ª), Patenaude (EUA, 23-2ª)
- 17/7 Estados Unidos 3 x 0 Paraguai**
Gols: Patenaude (EUA, 10-1ª), Patenaude (EUA, 15-1ª), Patenaude (EUA, 5-2ª)
- 20/7 Paraguai 1 x 0 Bélgica**
Gols: Vargas Peña (Par, 40-1ª)

Classificação	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
Estados Unidos	4	2	2	0	0	6	0	6
Paraguai	2	2	1	0	1	1	3	-2
Bélgica	0	2	0	0	2	0	4	-4

Os Estados Unidos venceram o grupo com facilidade. O norte-americano Bert Patenaude marcou o primeiro *hat-trick* (três ou mais gols num jogo) em Copas, mas o recorde só foi reconhecido pela Fifa em 2010. O 2º gol contra o Paraguai até então era creditado a Florie.

SEMIFINAIS

- 26/7 Argentina 6 x 1 Estados Unidos**
Gols: Monti (Arg, 20-1ª), Scopelli (Arg, 16-2ª), Stábile (Arg, 24-2ª), Peucelle (Arg, 35-2ª), Peucelle (Arg, 40-2ª), Stábile (Arg, 42-2ª), Brown (EUA, 44-2ª)
- 27/7 Uruguai 6 x 1 Iugoslávia**
Gols: Sekulic (Iug, 4-1ª), Cea (Uru, 18-1ª), Anselmo (Uru, 21-1ª), Anselmo (Uru, 39-1ª), Iriarte (Uru, 16-2ª), Cea (Uru, 20-2ª), Cea (Uru, 36-2ª)

Os duelos das semifinais foram definidos em sorteio no dia 23 de julho. Para sorte dos organizadores, argentinos e uruguaios, os grandes favoritos, foram colocados em dois confrontos diferentes. No dia 26,

Garfada

O Uruguai pode ter sobrado na semifinal, mas os iugoslavos reclamaram de três erros do árbitro brasileiro Gilberto de Almeida Rego: um gol mal anulado aos 9 minutos, um impedimento de Anselmo no 3º gol do Uruguai e uma bola que havia saído de campo antes do cruzamento para o gol de Iriarte.

a Argentina enfrentou os Estados Unidos.

Os norte-americanos perderam dois jogadores por lesão: Tracey, que não voltou do intervalo de jogo, e o goleiro Douglas, aos 15 minutos do segundo tempo. Até então, os argentinos venciam por 1 a 0. Depois, fizeram mais cinco gols e venceram por 6 a 1. No dia seguinte, o Uruguai recebeu a Iugoslávia e tomou um susto: os europeus marcaram 1 a 0 logo aos 4 minutos e, em seguida, tiveram um gol anulado. Depois disso, o time da casa controlou o jogo e marcou seis gols, explorando jogadas pelas pontas.

DECISÃO DO TERCEIRO LUGAR

O regulamento da Copa não previa a disputa de terceiro lugar. A ideia foi sugerida, mas a Iugoslávia, ainda indignada com o árbitro Gilberto de Almeida Rego, não quis saber. A Fifa considera os Estados Unidos em terceiro lugar por causa do saldo de gols — mesmo que na época não fosse um critério de desempate.

A final da Copa



Uruguaios comemoram o 4º gol, marcado por Castro

URUGUAI	4
ARGENTINA	2

Gols: Dorado (Uru, 12-1ª),
Peucelle (Arg, 20-1ª),
Stábile (Arg, 37-1ª),
Cea (Uru, 12-2ª),
Iriarte (Uru, 23-2ª),
Castro (Uru, 44-2ª)
Data: 30/07/1930
Horário: 14 horas
Local: Estádio Centenário
(Montevideu)
Público: 68.346
Árbitro: Jan Langenus (BEL)

Como esperado, Uruguai e Argentina chegaram à final. A tensão entre os dois países era tanta que o árbitro belga Jan Langenus só apitou a final amparado por um seguro de vida. E havia tensão também antes de a bola rolar. A Argentina queria usar a sua bola, mais leve. E o Uruguai queria usar a sua, maior e mais pesada. Para evitar polêmicas, a comissão organizadora determinou que o primeiro tempo fosse jogado com a bola argentina e o segundo, com a dos donos da casa. O Uruguai começou melhor e abriu o placar aos 12 minutos, com Dorado, num “frango” do goleiro Botasso. A Argentina reagiu e virou, gols de Peucelle e Stábile — os uruguaios reclamaram de impedimento no segundo gol, mas Langenus validou. No fim da etapa, Gestido entrou forte no argentino Varallo e o deixou sem condições de jogar. No segundo tempo, com uma certa superioridade numérica e a sua bola, os uruguaios cresceram. Cea empatou e em seguida Leandro Andrade salvou um gol certo dos argentinos ao afastar de carrinho, quase em cima da risca. Aos 23 minutos, Iriarte colocou os anfitriões na frente, num chute de longe. A Argentina foi para cima. Acuu o Uruguai, mandou uma bola na trave e, quando o empate parecia iminente, Manco Castro fez o quarto gol. A festa de entrega de troféu para os donos da casa resumiu-se a um ato no vestiário uruguaio, em que o presidente da Fifa, Jules Rimet, passou a taça ao presidente da Associação Uruguaia de Futebol, Raúl Jude.

Uruguai

Técnico: Alberto Suppici



Argentina

Técnico: Francisco Olazar

Os melhores da Copa



Agradecimentos

Rachel, minha mulher, companheira no primeiro tempo, no segundo tempo, na prorrogação e na disputa de pênaltis.

Kael e Iago, meus filhos, a quem pretendo passar o amor pelo futebol e pelas Copas do Mundo.

Elisa da Mota Vellozo, minha mãe, que fomentou o gosto pelas palavras.

Jaceguay Feuerschuette de Laurindo Ribas, meu pai, que fomentou o gosto pelo futebol.

Silvio Rauth Filho, meu amigo, pela discussão de ideias.

Rafael Maia, Henrique Leinig, Ayrton Tartuce Correia, Ayrton Baptista Júnior, Pedro Luis Woiski Franco, Rafael Favoreto, Felipe Dutra, Guilherme de Paula Batista, Moacir Máximo da Silva, Agueda Magalhães da Silva, Eduardo Monsanto, Eduardo Elias, Luciano Borges, Márcia Gatti, Thiago Tufano, Bianca Menelli Cardoso Tepassé, Fernando Pitanga, Napoleão de Almeida, Heriberto Machado e a todos que, de um jeito ou de outro, ajudaram na elaboração desta obra.

O autor

Graduado em Publicidade e em Jornalismo, Lycio Vellozo Ribas é jornalista esportivo desde 1998, ano em que começou a trabalhar no Jornal do Estado (atual Bem Paraná), em Curitiba. Era subeditor de esportes durante a Copa do Mundo de 1998. Depois, chegou aos cargos de editor de esportes e secretário de redação, que ocupou durante as Copas de 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018. Mas o gosto por pesquisar informações sobre futebol começou em 1982. Como tantos outros milhões de brasileiros, chorou em 1982, assim como festejou em 1994 e em 2002 e ficou indignado em 2014.



Créditos das fotos

Reprodução de cartazes das Copas (6, 18, 30, 42, 54, 68, 80, 92, 106, 120, 132, 144, 160, 174, 188, 204, 220, 236, 250, 266, 282, 300), Reprodução de bolas das Copas (7, 19, 31, 43, 55, 69, 81, 93, 107, 121, 133, 145, 161, 175, 189, 205, 221, 237, 251, 267, 283, 301), Reprodução de painel no estádio Centenário (12, 48), Lycio Vellozo Ribas (15, 119, 232-233), Popperphoto / Getty Images (24, 36, 87, 113, 117), STAFF/AFP/Getty Images (39, 159), Dpa/Corbis (61, 127, 139), Haynes Archive/Popperfoto/Getty Images (65), Domínio público (75, 232a), Keystone/Getty Images (79), Hulton Archive/Getty Images (99), Reprodução/EA Sports (102a), Reprodução de vídeo (102, 104b, 203, 245), Bob Thomas/Getty Images (152), Reprodução (155), Andrew Cowie/Colorsport (156), Sven Simon/dpa/Corbis (168), Bongarts/Getty Images (182), Mark Leech/Getty Images (196, 199), Christian Liewig/TempSport/Sygma/Corbis (213), Nilton Santos/Agência Guaraná (229), Daniel Basil/Portal da Copa (232b), Reprodução/Google Earth (232c, 232d, 233a, 233b, 233c, 233d, 233e, 233f), Ryan Pierse - FIFA/FIFA via Getty Images (259), Roberto Schmidt /AFP/Getty Images (265), Jamie McDonald/Getty Images for Sony (275), Jefferson Bernardes/Vipcomm (279), A. Ricardo/Shutterstock (291), Asatur Yesayants/Shutterstock (295), Rachel Ribas (304)